

Egas Moniz

Adaptação teatral «Concurso Uma Aventura... Literária 2004» Prémio especial do Júri

1º Acto

(No Castelo de Guimarães estão Egas Moniz, Afonso Henriques e o filho de Egas Moniz, Lourenço...)

Egas Moniz *(alargando os braços e estendendo o olhar)* – Vede, eles estão ali acampados, quase ao alcance de nossos arcos e são tantos que só Deus nos pode valer!...

Afonso Henriques – Não os tememos, com a força de meu braço e de vosso filho Lourenço havemos de os vencer. *(e virando-se para Lourenço)* – Não é assim bravo Lourenço?

Lourenço – É sim. Estou morto para lutar e despachar com esta minha lança uma dezena ou mais daqueles guerreiros que o pérfido D. Afonso VII trouxe de Castela para nos humilhar!

Egas Moniz – Que dizeis vós, que dizeis? Eles são pelo menos cinco vezes mais que os nossos, que digo eu, cinco... talvez dez ou ainda mais! Seremos logo vencidos...

(Afonso e Lourenço lançam-lhe um olhar de desafio...)

Afonso Henriques – Se tendes medo, não ides, ficai aqui dentro das muralhas. A nós, só Deus nos detém! Não é assim Lourenço?

Lourenço – Ninguém nos detém. Ninguém nos detém. Bem dizeis, senhor! Apoio-vos, senhor!

Egas Moniz *(com ar pensativo)* – Ah, o ardor da juventude, oh, o sabgue a ferver nas veias até onde podes levar! Peço-vos, poderei bem no que ides fazer sujeitando à morte mais cruel todos estes inocentes que aqui se acoitam... *(e estende a mão para um conjunto de pessoas, muitas mulheres e crianças incluídas.)*

Afonso Henriques – Senhor D. Egas, primeiro este condado que, um dia, com a ajuda divina tornarei independente. Meu braço nunca se vergará ao poder castelhano! Deste castelo avistarei as minhas terras e nas noites de luar contemplarei as serranias e terras aráveis de meu povo... escutarei o marulhar das águas e as altas montanhas cheias de belas promessas de caçadas!

Egas Moniz – Deixai-me então. Vou-me recolher, já é noite e, a sós, reflectirei sobre o que melhor devo fazer para bem do nosso povo.

Lourenço – Pai, lutaremos, pai! Eu quero lutar! Cada um valerá por dez. D. Afonso VII aprenderá a lição! *(e mostra um ar de grande contentamento...)*

Afonso Henriques – Vamos a eles e logo após o despontar do Sol!

(Egas Moniz recolhe aos seus aposentos com ar triste e pensativo.)

II Acto

(Egas Moniz aparece e deambula de um lado para o outro da sala, com ar pensativo. Entra D. Afonso Henriques eufórico.)

Afonso Henriques – Visteis senhor D. Egas, vistes como os de Castela, certamente aterrorizados com a força de meu braço, do braço de vosso bravo filho Lourenço e outros jovens cavaleiros que aqui estão, fugiram para Castela a coberto da noite? Vistes?

Egas Moniz – Se vi D. Afonso. Durante muito tempo espreitei daquela ameia lá ao fundo a retirada...

Afonso Henriques – Retirada cobarde, quereis vós dizer! Eles embora mais numeroso e melhor equipados, ficaram tolhidos pelo medo!

Egas Moniz *(hesitante)* – Senhor D. Afonso, senhor...

Afonso Henriques – Que tendes bravo Egas? Algo vos perturba nobre Cavaleiro?

Egas Moniz – Com efeito, senhor. Pelo juramento que fiz ao nosso Deus tenho de vo-lo dizer. A minha consciência não esteve mais em paz desde o dia da retirada desses ferozes castelhanos...

Afonso Henriques – Dizei D. Egas, saberei ouvir-vos. Como sabeis, sempre vos respeitei, mesmo ainda quando andava ao colo de minha mãe D. Teresa. Também ela muito vos respeita e assim mo ensinou: sim, vós, um dos maiores e mais fiéis Cavaleiros deste Condado Portucalense. Um condado que, um dia *(e estende os braços para o horizonte)* há-de ser uma pátria independente!

Egas Moniz – Que dizeis D. Afonso? Bem o desejaria, bem o desejaria, mas meu coração está hoje sombrio...

Afonso Henriques – Animai-vos D. Egas. Hoje à noite faremos um serão no castelo, jorrará o vinho, o poeta declamará trovas e o nosso bobo nos fará rir!

Egas Moniz – Não, não senhor! *(e mostra um ar decidido)* Tenho de vos dizer, pelo nome do nosso Deus que nos deu a vida, tenho de vo-lo dizer, senhor...

Afonso Henriques – Que tendes por aí fechado, de tão importante, para me dizer? Dizei-o já, pois me matais de curiosidade, bom Egas Moniz...

Egas Moniz – Senhor, perdoai-me, contar-vos-ei tudo tim-tim por tim-tim. Mas, ouvi-me com atenção e guardai em vossa alma minhas palavras. Nada omitirei. Nada. Naquela noite, a noite em que os castelhanos se afastaram, eu fui falar com D. Afonso VII em pessoa.

Afonso Henriques – Que dizeis? Mas, continuai, não mais vos interromperei...

Egas Moniz – Sim. Vendo eu que nós seríamos completamente derrotados, devido à desigualdade das forças em presença, deixando à sua sorte estas infelizes mulheres e seus filhos, alguns dois quais de tão tenra idade, fui propor a D. Afonso a sua retirada em troca de vossa futura lealdade. Ele aceitou e, como vistes, logo retirou perante os brados de alegria dos nossos guerreiros.

Afonso Henriques (*perplexo*) – Mas... mas... Deus meu... mas que fostes fazer vós? Nós que – iludidos – pensámos ser fruto do medo da valentia dos nossos braços a retirada? Ah, que ingénuos fomos! Nós que festejámos todo o dia a ansiada vitória! Nós que abraçámos as crianças e brandimos as espadas! (*depois decido*) Não, Egas Moniz, eu sei que este reino um dia será meu. Nem minha mãe me deterá, nem... minha mãe! Minha espada ditará a sua lei. Jamais, jamais jurarei obediência! Eu quero, nós queremos, nós, os bravos jovens cavaleiros queremos uma Pátria! Sois insensato! Nunca obedecerei! Nunca!

Egas Moniz – Mas... senhor... eu dei a minha palavra!

Afonso Henriques – Que valor tem a vossa palavra, a palavra de um súbdito, perante a força do meu braço e da minha lei? Quereis com vossas palavras modificar o que Deus reservou, desde sempre, para o nosso povo? Quereis ser traidor, D. Egas? Que vale a palavra, essa palavra de submissão insensata perante o surgimento da nova Pátria, hoje – mas, por pouco tempo – um condado, o Condado Portucalense?

Egas Moniz – Senhor, desculpai-me, eu pensei evitar maiores males, poupar as nossas vidas e, como sabeis, sem as nossas vidas nada seria possível.

Afonso Henriques – Não vos louvo! Devíeis seguir os meus e os conselhos de vosso filho Lourenço! Deus não desampararia as nossas armas, estou certo, certo... (*e sai apressadamente*).

(*Com efeito, D. Afonso Henriques, já havia derrotado sua mãe na batalha de S. Mamede e já lutava pela independência total do Condado Portucalense.*)

III Acto

(*Na corte de D. Afonso VII. O Rei está sentado no cadeirão real, ladeado por dois guardas com suas lanças ao alto. Nisto entram em fila indiana, D. Egas Moniz, sua mulher, seu filho Lourenço e demais filhos pequenos, ainda adolescentes e crianças. Trazem túnicas e uma corda em volta do pescoço que se espalha pelo lajedo. Todos os circundantes, entre os quais os servidores mais próximos do Rei, mostram um ar de admiração por cena tão fora do comum.*)

Egas Moniz – Majestade... (*e todos se curvam*)

Rei – Folgo em ver-vos, D. Egas Moniz. Não mais soube novas de vós desde aquela noite em que me haveis visitado na tenda... no acampamento... em Guimarães, em frente ao Castelo de minha leal súbdita D. Teresa.

Egas Moniz – Não vos trago novas, Majestade...

Rei – Tal já observei. Vossos trajes e os dos vossos não são trajes de nobre cavaleiro.

Egas Moniz – Majestade, Majestade... aos vossos pés venho pôr a minha vida e de todos meus. Como sabeis o filho de D. Teresa revoltou-se e, tendo-a vencido em batalha, tomou as rédeas do poder do Condado Portucalense. Ora, referindo-lhe eu, o acordo sagrado que tinha convosco, e, no qual vós haveis confiado, ele não só o desdenhou como jurou jamais o cumprir... A minha palavra de honra jaz na lama. Aqui me tendes e a toda a minha família. Podeis mandar enforcar-nos com as mesmas cordas que ao pescoço trazemos. São suficientemente longas e fortes.

Rei (*perplexo e com ar confundido*) – Com efeito, a minha Corte soube com estupefacção que Afonso Henriques não honrou vossa nobre palavra. Após se revoltar contra a própria mãe que derrotou em batalha proclamou a independência do Condado. Como ele verá a força do meu braço! Minha vingança será terrível, todos o verão. Já mandei preparar os meus homens para o atacar e, desta vez, ninguém lhe valerá! Ninguém!

Egas Moniz – Majestade, fazei o que a vossa consciência vos disser. Quanto a este servo, aqui o tendes e a sua família, prontos para a morte em nome da honra da palavra dada...

(O Rei olha então para toda a assistência procurando afirmação e consentimento...)

Rei – Não, bravo Egas Moniz, vosso honrado gesto muito me falou ao coração. Sim... um Rei também tem coração. Pela dignidade que haveis demonstrado, concedo-vos o perdão e desobrigo-vos da palavra dada. Podeis ir em paz com vossa consciência e em paz com o vosso Rei...

Egas Moniz – Majestade! (*e afastaram-se todos, após fazerem várias vénias...*)

Texto adaptado por:

Sara Cristina da Piedade Gomes

Prof: Maria Aline Sobreira Gomes Marques

**Escola Básica do 2º e 3º Ciclos de Gualdim Pais –
Tomar**



Sara Cristina da Piedade Gomes